

**FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO –MG  
FCJP  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Ana Paula dos Santos Barbosa**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DAS CIÊNCIAS  
BIOLÓGICAS PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA  
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

**JOÃO PINHEIRO-MG  
NOVEMBRO/2016**

**ANA PAULA DOS SANTOS BARBOSA**

**A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DAS CIÊNCIAS  
BIOLÓGICAS PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA  
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Biológicas da Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP, apresentado á coordenação de Curso como requisito para a obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas.

Professor orientador: Ms. Giselda Shirley da Silva

**JOÃO PINHEIRO-MG  
NOVEMBRO/2016**

# A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA E DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PARA A EFETIVAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ana Paula dos Santos Barbosa<sup>1</sup>  
Giselda Shirley da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o racismo e analisar as suas consequências na sociedade. Existe uma ideia no país que não existe mais preconceito contra os negros e pobres, mas a discriminação e o preconceito ainda não foi superado pela sociedade. Em todo o país, ainda existem muitas atitudes racistas contra a população negra, que ainda hoje sofre preconceito pela sua cor. Esse preconceito surgiu desde a escravidão e até hoje ainda carrega esse peso, os negros africanos viveram maltratados pela elite daquele tempo. Desse modo foi apresentado, de forma sucinta, a história do racismo em várias áreas, na sociedade brasileira, nas escolas e um breve resumo da história do racismo de um modo geral. Foi realizada a pesquisa bibliográfica, buscando embasamento em autores que refletem sobre a questão étnico racial e o papel da educação para a efetivação de uma educação antirracista.

**Palavras-chaves: Racismo. Negro. Preconceito. Educação. Sociedade.**

## ABSTRACT

This article aims to reflect on racism and analyze its consequences in society. There is an idea in the country that there is no more prejudice against blacks and the poor, but discrimination and prejudice has not yet been overcome by society. Across the country, they still have many racist attitudes against the black population, which still suffers from prejudice for its color. This prejudice has arisen since slavery and to this day still carries this weight, in which black Africans lived ill-treated by the elite of that time. In this way the history of racism in various areas, in Brazilian society, in schools and a brief summary of the history of racism in general was presented succinctly. The bibliographical research was carried out, seeking a background in authors that reflect on the racial ethnic issue and the role of education in the implementation of an antiracist education.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do sexto período de Ciências Biológicas da Faculdade Cidade de João Pinheiro-  
anapsb2014@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade de Brasília, Especialista em História do Brasil pela PUC-Minas. Especialista em Educação a Distância. Professora do Ensino Superior, Historiadora e pesquisadora de cultura; religiosidade popular, história local e regional. Responsável pelo Setor de Patrimônio Cultural e Responsável pelo arquivo Público Genésio Jose Ribeiro. Membro Cultural. E-mail:giseldashyrley@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O racismo por um lado é um comportamento, por outro, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial visível por meio de sinais, como por exemplo: cor da pele ou tipo de cabelo. Dizem que o racismo é um conjunto de ideias e imagens aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores, é também resultado da vontade de impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (BRASIL, 2005).

Este artigo apresenta como objeto de estudo a contribuição da escola e mais especificamente, das ciências biológicas para a efetivação de uma educação antirracista, levando em consideração a educação formal ser constituída por um conjunto de diferentes áreas do saber visando a formação do indivíduo na sua plenitude e para a vida em sociedade.

A escolha do tema desta pesquisa deu-se em decorrência da percepção da existência do racismo, preconceito e discriminação arraigados na sociedade brasileira e da concepção de que a educação é fundamental para que haja mudanças na sociedade, pois, segundo Paulo Freire, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Nesse sentido, faz-se mister destacar o poder de transformação da sociedade por meio da educação. Compreendendo a necessidade de trabalhar questões relacionadas ao racismo em sala de aula é que se justifica a escolha deste tema de estudo. Este é um assunto polêmico e demanda conhecimentos específicos relacionados à temática.

A escola é um espaço importante para poder modificar essa mentalidade, por isso, há uma grande necessidade do professor entender mais sobre o assunto para que possa interferir nessa questão.

A inclusão do tema racismo nas grandes curriculares da Educação Básica poderá auxiliar na eliminação do racismo, contribuindo com reflexões que podem permear o universo familiar, e os lugares mais amplos como a escola e a sociedade. Todavia, para que haja professores qualificados para trabalhar a temática no contexto educacional, faz-se necessário haver estas reflexões no curso de formação de professores, pois, antes de atuar em uma área específica do saber, o educador é responsável pela formação do aluno em sua amplitude. Daí a relevância acadêmica deste estudo, pois os mesmos viabilizam reflexões sobre a importância de se conhecer a temática e como pode-se intervir no

cotidiano da sala de aula e contribuir para uma educação que valorize e respeite a diferença e contribua para uma educação antirracista. Partindo dessa concepção, este tema deve ser trabalhado por todos os cursos de licenciatura, entre elas, Ciências Biológicas.

Esse tema tem uma grande relevância no âmbito acadêmico, pelo fato de perceber muito racismo, em sala de aula, até mesmo no ensino superior, e pesquisando sobre o tema terei possibilidades de diminuir, ou lutar pela diminuição do racismo com mais convicção.

Pensando nesta temática, alguns questionamentos atormentam-se eixos norteadores do estudo: O racismo é estudado de forma que possa contribuir para que os alunos tenham capacidade de discutir esse tema? Quais as principais consequências do racismo na formação do aluno e no seu processo identitário? De que forma que a ciências biológicas pode contribuir para uma educação antirracista? A prática dos professores em sala de aula pode contribuir para uma educação antirracista? Há investimentos na formação e qualificação dos professores para atuar em prol de uma educação antirracista?

Os objetivos da pesquisa foram: Analisar como o racismo é trabalhado na escola e de que forma ela pode intervir na implantação de uma educação antirracista; analisar a liberdade dos professores em trabalhar esse tema; Verificar os estudos dos alunos e como é trabalhado esse tema; Descobrir em quais disciplinas pode ser trabalhado esse tema e de que forma a Ciências Biológicas poderá contribuir para a formação de uma sociedade antirracista; Verificar se as práticas pedagógicas dos professores objetivam o enfrentamento do racismo dentro e fora do ambiente escolar; Verificar se há investimentos na formação e qualificação dos professores para atuar em prol de uma educação antirracista.

## **1.1 Breve Histórico**

O Racismo significa comportamento hostil, contra alguma coisa ou contra alguém. No ocidente o racismo surgiu no século XVII que foi quando começara as pesquisas a respeito do assunto para explicar a atitude dos povos europeus levando em considerações a cultura e a sua religião.

O racismo e as teorias racistas não surgiram do nada, elas possuem uma história própria. Os primeiros discursos racistas derivam de uma visão teológica, são baseados na leitura de uma série de episódios bíblicos, como aquele no qual Noé amaldiçoa seu único filho negro, afirmando que seus descendentes seriam escravizados pelos descendentes de

seus irmãos. Essas interpretações serviram para justificar e naturalizar relações de exploração, como a escravização do povo africano pelos europeus. Já no século XVIII surgem as primeiras teorias racistas de cunho teórico. Da mesma forma como já fazia com as plantas e os animais, a ciência passa a classificar a diversidade humana e, para tal, usa como critério central a pigmentação da pele. O problema central dessa classificação é que ela conecta a essas características físicas atributos morais e comportamentais depreciativos ou valorativos, a depender de que “raça” se está tratando.

O Racismo no Brasil voltou a ser polêmica com as cotas para negros na universidade, como instrumentos de inserção de um grupo com dificuldades de entrar em escolas boas.

A partir desse momento começou a ideologia de branqueamento, onde os negros casavam-se com pessoas de pele mais clara para que seus filhos não sofressem com o racismo. E houve também uma negação de qualquer característica que o identificava com a raça negra.

Para amenizar esses efeitos foi criado em 1951 a “lei Afonso Arinos” que tornava crime a recusa de servir, hospedar, atender ou receber clientes ou aluno por preconceito de raça ou cor. Em 1988 a Constituição Federal, na lei nº 7716 de 05 de janeiro tornou o racismo crime inafiançável.

O Racismo no Brasil voltou a ser polêmica com as cotas para negros na universidade, como instrumentos de inserção de um grupo socialmente privado de frequentar espaços sociais tais como as escolas.

Para Oliveira (2007), o racismo é considerado uma mazela histórica, na qual a raiz de amargura se encontra na própria natureza humana. Atualmente, na sociedade ele assume várias formas, vai de manifestações explícitas de violência e intolerância a ações camufladas de segregação. Com isso, falsos valores são criados para justificar a atitude racista, valores esses que se expandem no inconsciente coletivo da população, produzindo desta maneira, uma geração de pessoas preconceituosas e indiferentes com essa realidade de marginalização.

No Brasil, a cor que mais se abrange é a Branca, sendo eles 53,3 %, e se destacando mais na região Sul de nosso país. Em seguida, vem à população de cor Parda, com 40,5 %, e sendo em maior parte na região Norte. Depois, vêm as populações em memória, que são da cor Preta que são as que mais sofrem com o preconceito racial, com 5,6 %, e se destacando na região Sudeste do Brasil, e da cor Amarela e Indígena, com 0,6 % em todo o Brasil, com maior parte na região Centro-Oeste.

## **1.2 A constituição da sociedade brasileira e um breve histórico acerca do racismo e exclusão do negro no Brasil.**

Sabemos que no mundo exclusivamente no Brasil, existem grandes diferenças entre pessoas, que por estupidez e ignorância, age com preconceito, gerando muitos conflitos e desentendimentos entre as pessoas, afetando assim o relacionamento entre a população, esquecendo sedo dos direitos humanos que dizem que todos são iguais, então porque tanta desigualdade no mundo.

Podemos observar através dos relatos de Valente:

O racismo está intrínseco entre os brasileiros. A incidência do preconceito pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Dessa forma, "podem ter mudado os sistemas econômicos, as relações de trabalho e as formas de opressão, porem os negros continuam a ser ideologicamente definidos como inferiores" (VALENTE, 1987, p.58).

Ainda hoje existem muitas pessoas preconceituosas, por a pessoa ser negra é móvito de não acreditarem na mesma, talvez seja até uma pessoa de maior responsabilidade de que qualquer outra pessoa, o racismo ainda tem muita voz nos dias de hoje ao se passar dois mil anos e muito pouco se mudou com respeito ao racismo.

Esse assunto ainda tem muito que se refletir e considerar as pessoas negras e menos favorecidas, para que esse paradigma possa ter um novo rumo, com as pessoas que são maltratadas.

Os negros estão buscando inserir-se na sociedade, para que possa ser visto como uma pessoa como qualquer outra, exigindo os seus direitos e, especialmente, poder participar da sociedade com frequência poder ir e vir sem nenhum ar de suspeito de suas atitudes.

Quando Park fala ao público americano aponta o significado do Brasil como laboratório de relações raciais:

Fato que torna interessante a "situação racial" brasileira é que, tendo uma população de cor proporcionalmente maior que a dos Estados Unidos, o Brasil não tem "problema racial". Pelo menos é o que se pode inferir das informações casuais e aparentemente desinteressadas de visitantes desse país que indagaram sobre o assunto. (PARK, 1971, p. 83).

Notamos que Park relata que o Brasil é um dos países que, isso muito nos entristece, por ser um país tão evoluído com tantos estudos e pessoas capacitadas para o discernimento e tendo total entendimento do assunto e dever que se deve ter as outras pessoas independentes de cor e posição na sociedade.

Hoje ainda existe muito preconceito por cor e posição que os menores favorecidos ocupam na sociedade, muitas vezes são pessoas qualificadas que agridem as pessoas, temos que dar um basta nessas atitudes desagradáveis.

Conforme Oliveira.

[...] uma imagem de negro (“preto”) como um ser que “vale menos”, que tem “direito” a “menos”, que “é menos” do que aquele que não o é. Uma imagem que permeia a relação entre os alunos e que configura formas de relação entre “não-pretos” e “pretos” em que, muitas vezes, os primeiros se colocam incondicionalmente acima dos segundos e fazem de tudo para marcar esta “diferença que desvaloriza” (OLIVEIRA, 2007, p. 61).

As pessoas têm ainda a mentalidade das pessoas que viveram há muito tempo atrás, por ideias que os outros trazem e passam pelas outras pessoas e assim continuando assim o preconceito contra os negros, as pessoas brancas se sentem superiores as outras pessoas de cor um pouco mais escura e tratam muito mal os negros pela sua cor negra, muitos fazem piadas e fazem chacotas. Tornando claro o preconceito entre as pessoas. Com essas atitudes que muitos carregam consigo torna mais difícil erradicar o racismo de uma vez por todas.

Mostrando assim que em todos os lugares existem o preconceito até mesmo nas escolas, um lugar onde não devia acontecer esse tipo de atitude, sendo o lugar onde as pessoas devem trabalhar de pulso firme, mas muitas vezes eles trazem essas atitudes de casa, os pais menosprezam as pessoas negras e de menor condição financeira.

Entre outros países acredita-se que no Brasil vivemos em harmonia por ser um país multicultural, mas nossa realidade não é bem essa, pois o negro é colocado como inferior.

Como relata Silva:

É um orgulho para a gente ser negro! Mas só que por a gente ser negro, a gente é muito discriminado e recusado dos brancos. (...) eles recusam a raça negra hoje. Mas para mim é uma honra, porque o Brasil começou de quê? Dos negros! Do trabalho dos negros! [...] Então a imagem de negro para mim é uma honra. É uma honra ser negro. Eu respeito muito a cor



dos brancos, mas eu acho que os brancos deveriam respeitar a cor dos negros, igual os negros respeita a dos brancos. É isso aí que a gente sente. (SILVA, 1995 p.135).

A autora relata a discriminação sofrida pelos negros, os brancos exigem tanto respeito e direitos pela sua cor, mas os direitos e respeitos são para todos não somente pelos brancos pelo fato de não ser negro, sendo merecedores de valores e respeitos por toda a população.

O racismo é uma ação que está presente em toda parte do mundo não só apenas em um país, ou região, não acabando até hoje, existem muitas maneiras interligadas no racismo, as brincadeiras, as piadas, os dizeres de mau gosto, tudo isso nos leva a cometer o racismo contra os negros, causando assim transtorno e ofensa as pessoas negras.

### **1.3 As consequências do racismo na escola e na formação do aluno e no seu processo identitário.**

Com a existência do racismo nas escolas as crianças negras sofrem vários maus tratos como piadinhas, brincadeiras de mau gosto e até mesmo apelidos, trazendo para essas crianças um grande transtorno, muitas vezes essas atitudes impedem o aluno acreditar em si mesmo, tornando um fracassado.

De acordo com Ortiz (2005)

O racismo não só prejudica quem sofre, mas a todos os alunos presentes nas salas de aula de todo o país. A sua prática pode gerar conflitos, desunião, principalmente quando a professora não toma atitudes frente a estes fatos. A negação ou apatia das educadoras em procurar soluções, as situações preconceituosas entre as crianças, reforçam os estereótipos e preconceitos (ORTIZ, 2005, p. 86).

O racismo acontece até nas escolas, os colegas colocam apelidos e palavras fúteis usam a cor negra para ofender os próprios colegas em momentos de discursões. E muitas vezes os professores não chamaram a atenção e continuam agindo normalmente. E os alunos vítimas dessas atitudes se calam e se isolam por não encontrar apoio na instituição escolar.

A escola é o local onde não deve acontecer esse tipo de atitude, pois se tratando de ser um ambiente de alfabetizar e educar as pessoas para se formar um cidadão capacitado e consciente de uma boa índole para se relacionar com os demais que frequentar o rol de amigos.

Existem mesmo é uma fachada para despistar a realidade do tratamento dado à população negra. Para Moura:

O racismo brasileiro [...] na sua estratégia e nas suas táticas agem sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. [...] não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica, social e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, com concentração fundiária e de rendas maiores do mundo [...], um país no qual a concentração de rendas exclui total ou parcialmente 80% da sua população da possibilidade de usufruir um padrão de vida decente; que tem trinta milhões de menores abandonados, carentes ou criminalizados não pode ser uma democracia racial. (MOURA, 1994, p. 160).

Como afirma o autor às abordagens que indicam a diminuição das expressões racista é muito superficial, pois parece que essas atitudes estão no sangue é um ato por impulso, os agressores muitas vezes comentem o ato sem ter total noção do que ele acabou de causar a uma pessoa negra, agem por impulso.

O Brasil é um país que ainda existe muito racismo contra os negros, a população não respeita sua pessoa e seus direitos, os negros vivem lutando para que esse paradigma um dia possa mudar e eles passam a ser visto como uma pessoa comum e não motivo de risos e piadinhas, causando assim transtorno e vergonha e sua cor.

O que reforça e estimula o preconceito ao invés de intervir e combatê-lo. Como nos relata Pinto:

Ao que tudo indica, a escola, que poderia e deveria contribuir para modificar as mentalidades antidiscriminatórias ou pelo menos para inibir as ações discriminatórias, acaba contribuindo para a perpetuação das discriminações, seja por atuação direta de seus agentes, seja por omissão perante os conteúdos didáticos que veicula, ou pelo que ocorre no dia-a-dia da sala de aula (PINTO, 1993, p. 27).

Até mesmo nas escolas acontece o racismo contra as crianças negras, mostrando-nos que ainda vai demorar muito para acabar o racismo no Brasil, nas escolas ainda acontecem coisas que nos dias de hoje não deviam acontecer mais.

As instituições mostram completamente o contrário do que tem que acontecer, um regente de sala não pode deixar jamais essas atitudes acontecerem, eles são a maior autoridade dentro de sala então quem manda é o professor e ele tem que tomar essas decisões, para que os negros não sofram mais esse tipo de agressão, muitas vezes é por

isso que ainda acontecem muitos casos de maus tratos com os negros, pois os alunos não aprendem em sala que não deve fazer isso com seus colegas.

De fato, o preconceito racial na sala de aula é algo muito frequente, através dos relatos de Cavalleiro.

A forma de o professor caracterizar a criança negra evidencia seu despreparo para lidar com situações de discriminação na sala de aula, pois em muitos momentos o professor julga a criança negra culpada pela discriminação sofrida. (CAVALLEIRO, 2005, p. 33-34).

Com as palavras de Cavalleiro, evidenciou que os professores não têm total preparo para trabalhar com a situação do racismo com o aluno negro em sala de aula, e muitas vezes acompanham os outros colegas julgando o aluno somente pela sua cor, muitas vezes não tem nada a ver com a questão abordada. “Penso que a não-percepção do racismo por parte das crianças também está ligada às estratégias da democracia racial brasileira, que nega a existência do problema” (CAVALLEIRO, 2005, p. 87).

O autor coloca uma realidade muito chocante, tantos anos se passaram e a maneira de agir das pessoas mudou muito em todos esses tempos que já se passaram o racismo ainda continua nas escolas como em qualquer outro lugar comum, e isso não pode acontecer nas escolas, os professores não devem deixar essas atitudes acontecerem, não nos dias de hoje, quando o racismo irá pelo menos amenizar.

O fim pode notar que ainda está muito longe, precisam conscientizar os educadores das suas necessidades e erradicar essas atitudes no âmbito escolar, pois lá é onde tudo acontece e tudo se inicia então é o lugar adequado para se dar um basta também.

Notamos ainda que o preconceito não acabou.

A discriminação tem sido promovida e reforçada na educação escolar de diversas formas. As condições que muitos governos vêm dando à escola pública são alguns fatores que fazem com que o próprio educador acabe, sem perceber, reproduzindo e reforçando a discriminação e o preconceito, os quais acabem por gerar a violência, (LOPES, 2002, p.10)

Podemos notar através dos relatos do autor que as maneiras que os professores estão trabalhando nas escolas com os materiais oferecidos pelos governantes não são suficientes para erradicarem a questão, os professores por sua vez deve trabalhar um pouco também por conta própria, colocando os alunos a realizarem uma pesquisa sobre o tema abordado.

Felizmente, nas últimas duas décadas, a maneira de se trabalhar essa questão está começando a surtir efeitos em várias partes do mundo, visando construir uns conhecimentos específicos ao ensino.

Tanto na teoria ou na prática os conhecimentos dos professores, como os de quaisquer outros profissionais necessitam, por conseguinte, de uma formação continuada para trabalhar essa questão em sala para que essas atitudes possam ser erradicadas a partir que seu ingresso nas instituições escolares.

Podemos notar nas palavras de Fleuri.

Mostra que somos uma sociedade multiétnica constituída historicamente a partir de uma imensa diversidade de culturas. Reconhecer nossa diversidade étnica implica saber que os fatores constitutivos de nossas identidades sociais não se caracterizam por uma estabilidade e uma fixidez naturais. As identidades culturais sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades. (FLEURI, 2003, p. 54).

Observamos nos relatos de Fleuri que como uma enorme cultura de diversidades aí então surgiu a necessidade de respeitar nossos próximos como pessoas normais como qualquer outra que seja capaz de exercer qualquer cargo na sociedade, mostrando que não devemos maltratar e menosprezar qualquer pessoa que seja. Para Fleuri (2003, p. 82) “A recuperação das culturas no processo educacional coletivo ou pessoal, possibilitarão a interação entre diferentes modos de ser humano”.

Devemos entender as culturas, as raças para que não aconteça coisas desagradáveis a se ver uma negra, alguns já vai pensando mal daquela pessoa, mas isso não deve acontecer a pessoa é a mesma, um ser humano como qualquer outro só a cor da pele é diferente, não há motivo de tanto desprezo com uma só cor.

Para Carneiro.

O negro e o mestiço dificilmente conseguiam igualar-se ao homem branco. O "mundo da senzala" sempre esteve muito distante do "mundo da casa grande". Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral. (CARNEIRO, 2003, p.15)

Os negros ainda carregam nas costas o peso dos escravos até hoje ainda não conseguiu se libertar dessa dura realidade vivida pela escravidão, que ainda muito nos atrapalha para se ter um desempenho como as outras pessoas. Os negros ainda não se

sentem aceitos, muitos fazem o possível para ocultar seus traços, para conseguir alguns benefícios na sociedade.

Valente nos relata que:

O racismo está intrínseco entre os brasileiros. A incidência do preconceito pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Dessa forma, "podem ter mudado os sistemas econômicos, as relações de trabalho e as formas de opressão, porém os negros continuam a ser ideologicamente definidos como inferiores" (VALENTE, 1987, p.58).

O autor nos mostra que o preconceito ainda existe pela maioria da população, todos carregam essas atitudes de berço, vem desde a escravidão, os negros serem menosprezados pelos brancos, o tempo passou, mas não foi suficiente para que as pessoas esquecessem desses acontecidos e com a abolição da escravatura, os negros ganharam a liberdade, mas não o bastante para que eles fossem respeitados pelos brancos e demais colegas.

As práticas de racismo na população continuam crescendo, sendo que um dos motivos que poderiam ser apontados é o legado histórico da discriminação sobre os negros, provindos de relações escravistas que ocorreram no passado e ainda é visto na atualidade como um estigma que recai sobre eles. O racismo, por vezes, impossibilita ou dificulta a entrada de vários indivíduos em uma escola boa, além do que, diversos alunos que sofrem de preconceitos ou discriminação racial acabam não tendo uma educação de qualidade, pois ainda existem escolas em que é visto diferenciação dos alunos negros por parte de educadores e até dos próprios estudantes (OLIVEIRA, 2007).

#### **1.4 O papel da escola na desconstrução do preconceito**

Muitos problemas presentes na sociedade, como o racismo, também se manifestam dentro da escola assumindo configurações próprias que afetam a vida de toda comunidade escolar. Escola e sociedade estão intimamente relacionadas. O que ocorre fora da escola causa impacto nela e a maneira como estas questões são tratadas no seu interior pode influenciar o contexto social mais amplo. Na escola o racismo se manifesta através do comportamento discriminatório de alunos, professoras/es, pais e funcionários e através dos materiais pedagógicos, mais especificamente dos livros didáticos. Com o

preconceito temos, o baixo rendimento das crianças negras que por causa dessa discriminação se sentem inferiorizadas.

A escola tem o papel de formar o aluno para o exercício de cidadania, do trabalho e continuar aprendendo ao longo da vida. Esta é a orientação da Lei de Diretrizes de Bases e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino no Brasil. Ampliar a cidadania é um dos objetivos principais que devem orientar o trabalho pedagógico, e por causa disso, a escola tem que buscar o desenvolvimento de competência e habilidades que permitam compreender a sociedade que vivemos. Mas esta sociedade deve ser entendida como uma produção dinâmica dos seres humanos, um processo permanente de construção e reconstrução. O entendimento deste desenvolvimento da cidadania também significa a capacitação para saber avaliar o sentido do mundo em que se vivem os processos sociais e o papel de cada um nesses processos.

Com isso, é importante que o educador esteja atento a qualquer forma de tratamento discriminatório, como gestos, tom de voz e outras atitudes que possam degradar a pessoa do educando. Porque em qualquer tipo de discriminação, seja qual for o formato do preconceito racial, o aluno que sofre esse abuso pode chegar até à “reprovação, dependendo do dano psicológico e emocional causado à criança” (CAVALLEIRO, 2003, p. 81-89).

Mas em muitos momentos a escola é um lugar hostil e muitas vezes um ambiente nada agradável ao aluno negro o tratamento desigual e a falta de punição em muitos casos acarretam evasão e fracasso escolar de muitos alunos. O despreparo dos educadores impede um olhar crítico sobre as demais faces do racismo educacional presentes no currículo, nos livros didáticos e literários, representações feitas em murais e atividades pedagógicas – quando se elege apenas o segmento branco para representar – bem como diante da forma folclórica e caricatural das comemorações relacionadas à temática. Significa dizer que o artigo 26A da LDB, modificado pela Lei 10.639, sancionada em 2003, ainda não atingiu satisfatoriamente grande parte das escolas brasileiras. O “cumprimento” da lei se resume a apresentações em datas comemorativas normalmente nas semanas dos dias 13 de maio e 20 de novembro.

A Lei 10639/03 determina que a História da África seja tratada em perspectiva positiva, e que possa fazer parte dos conteúdos assim como o conhecimento da contribuição dos egípcios para o desenvolvimento da humanidade. As marcas da cultura de raiz africana devem ser ressaltadas particularmente em Arte, Literatura e História do

Brasil. E mais, os professores precisam valorizar a identidade negra e serem capacitados para desconstruir o mito da democracia racial constituída dentro do âmbito escolar.

De acordo com Santos: “tratar da discriminação racial em ambiente escolar não significa ajudar a criança negra a ser forte para suportar o racismo, como se apenas ela tivesse problema com sua identidade, com sua autoestima. Faz-se necessário romper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido” (SANTOS, 2001, p. 106).

O racismo deve ser tratado nas instituições escolares de uma forma onde o professor esteja preparado para abordar em sala de aula, impedindo que aconteça piadas de mau gostos e apelidos indesejados, e não podemos esquecer de trabalhar a autoestima das crianças negras para que não se torne pessoas depressivas no futuro.

Ao mesmo tempo, Pérez-Gómez (1998, p. 24) alerta que: “a igualdade de oportunidades não é um objetivo ao alcance da escola. O desafio educativo da escola contemporânea é atenuar, em parte, os efeitos da desigualdade e preparar cada indivíduo para lutar e se defender, nas melhores condições possíveis, no cenário social”.

O trabalho do professor é mostrar para os demais colegas que o colega negro é uma pessoa como qualquer outra e tem os mesmos direitos que os outros alunos, tudo que o branco pode fazer o negro também pode.

Assim pode começar a melhorar o pensamento que o negro não pode nada, ter um trabalho bom, uma casa, um carro, e um curso superior, hoje em dia esse racismo já não pode existir, as pessoas são todas iguais.

Tem vários temas que permitem abordar esse assunto dentro da sala de aula, onde o assunto pode ser discutido por todos e com um novo pensamento sobre os negros e cada vez mais poder aceita-los na sociedade como uma pessoa comum e que tem os mesmos direitos que qualquer outra pessoa de bem.

A prática pedagógica dos professores objetiva o enfretamento do racismo entro e fora do ambiente escolar. Acredita-se que com o estudo do tema “Racismo” nas escolas, das séries iniciais até a formação, contribuirá para que tenhamos cidadão que respeitem as diferenças, e que convivam com harmonia sem distinção de raça.

### **1.5 A prática dos professores e sua contribuição para uma educação antirracista.**

Por muitos anos os educadores receberam uma formação com uma visão homogenia, que se tornou natural o racismo e as atitudes de descriminação dos alunos em

relação aos alunos negros. Cavalleiro (2003) salienta que esta postura fez da prática docente uma ação neutra diante das mais variadas formas pelas quais os estigmas da cor vêm se manifestando.

A formação docente é atualmente prioritária para a mudança deste contexto. Grande parte dos educadores ainda não reconhece a diversidade e a diferença, por conseguinte não possuem a capacidade de análise para transformar a sua prática. Diante das transformações mundiais, que impõem novos olhares frente ao conhecimento, observa-se nas últimas décadas do Século XX uma série de reformas educacionais, onde foram elaborados novos marcos legais para educação junto com o desenho de políticas públicas, que objetivam o desenvolvimento de novas capacidades técnicas administrativas, incluindo entre outras questões, novos conteúdos de ensino da escola pública e da formação de educadores.

Estudos sobre a formação de professores para lidar com situações de racismo demonstram que os professores não receberam nenhuma qualificação e que muitas vezes acaba se omitindo diante de determinados acontecimentos racistas, seja por insegurança ou mesmo por insensibilidade.

Segundo (Gonçalves e Silva 1996, p.175): “Professores fazemos parte de uma população culturalmente afro-brasileira, e trabalhamos com ela; portanto, apoiar e valorizar a criança negra não constitui em mero gesto de bondade, mas preocupação com a nossa própria identidade de brasileiros que têm raiz africana”. Se insistirmos em desconhecê-la, se não a assumimos, nos mantemos alienados dentro de nossa própria cultura, tentando ser o que nossos antepassados foram, mas nós já não somos. Temos que lutar contra os preconceitos que nos levam a desprezar as raízes negras e também as indígenas da cultura brasileira, pois, ao desprezar qualquer uma delas, desprezamos a nós mesmos. Triste é a situação de um povo, triste é a situação de pessoas que não admitem como são, e tentam ser, imitando o que não são.

O professor, principal agente, na escola, do processo de socialização transmissão do saber acumulado pela humanidade, desconhece o patrimônio cultural produzido por essa própria humanidade, que inclui o negro, o índio e muitas etnias, bem como apresenta distorções em relação a estes segmentos da humanidade.

Madhubuti (1994), afro-centrado representa:

"... o conceito que categoriza uma qualidade de pensamento e prática que é enraizada na imagem e interesse cultural do povo de ascendência



africana, e que representa e reflete as experiências de vida, história e tradições dos afro-descendentes como o centro das análises [...]. Em termos de educação, a educação afro-centrada utiliza preceitos, processos, leis e experiências africanos e afro-americanos para resolver, guiar e entender o funcionamento relativo aos processos educacionais” (MADHUBUTI, 1994, p. 8).

Para que uma professora esteja preparada para lidar com essa questão o racismo é necessário que a mesma conheça toda a história para a que assim ela possa explicar aos demais alunos toda a história do afro-descendente, tornando o aluno conhecer da história dos negros para que os brancos passem admirar e respeitar pela sua história.

Portanto o papel da escola é buscar meios através de bibliografia sobre as questões étnicas e raciais, eleger o tema para discussão em grupo de estudos e fomentar a criação de cursos para que os professores, técnicos, alunos, ou melhor, a comunidade escolar como um todo, possa se aprofundar nas causas e consequências da dispersão dos africanos pelo mundo e abordar a História da África antes da escravidão. Enfocando as contribuições dos afrodescendentes para o desenvolvimento da humanidade. A questão racial é assunto de todos e deve ser conduzida para a reeducação das relações entre descendentes de africanos, de europeus e de outros povos. Só assim haverá o reconhecimento da existência, da necessidade de valorização e do respeito ao afrodescendente e a sua cultura dentro da escola.

É difícil, mas nunca impossível, construir subsídio de peso para ajudar os professores a desencadear um processo de superação do racismo na escola. Por isso é que nos programamos a procurar meios de realizar ações afirmativas no combate ao racismo, a discriminação e ao preconceito que vitimizam a comunidade escolar negra. Para tanto, é preciso formar grupos de trabalho para propor ações destinadas à valorização da comunidade escolar negra, indicando pistas de como os professores e alunos podem, em conjunto, desenvolver mecanismos pedagógicos eficazes para a superação das desigualdades, para a elevação da autoestima dos alunos para o reconhecimento da diversidade com fator aglutinador dos diferentes.

Um professor que trabalha racismo em sala de aula, cria possibilidades de construir uma sociedade onde as pessoas respeitam e vivem a igualdade, respeitando a diversidade e a diferença. É de grande importância, que seja trabalhado o racismo, porque só assim minimizaremos o racismo em sala de aula e na sociedade. Com base nesta reflexão, entendemos que é papel de todo professor, independentemente de sua área de atuação contribuir para uma educação pautada na diversidade, no respeito, que estimule

a construção da identidade e forma positiva e que não compactue com sentimentos de racismo, preconceito e discriminação, pois antes de sermos professores de conteúdo específicos, somos educadores e trabalhamos na formação de pessoas e devemos contribuir para a mudança da sociedade.

## **2. Considerações finais**

Esperamos com estas reflexões, ter alcançado o objetivo deste artigo que foi chamar a atenção para o tema do racismo, uma vez que o mesmo necessita ser exposto e discutido para superar essas práticas no ambiente escolar. É fundamental a elaboração dos currículos, livros escolares e materiais de ensino estejam isentos de qualquer conteúdo racista ou de intolerância. Mais do que isso, é indispensável que reflitam as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileiras. Ignorar essas contribuições – ou não lhes dar o devido reconhecimento – é também uma forma de discriminação racial.

Porém é preciso antes disso que professores reconheçam à presença do preconceito em sala de aula e que a escola possa desmistificar a ideia de ser um lugar onde paira a igualdade racial. É preciso pensar em uma educação que sirva para abrir os espíritos, não para fechá-los, que respeite e promova o respeito às diferenças culturais, que ajude a fortalecer o ideal da igualdade de oportunidades.

O racismo na escola precisa ser minimizado ou até mesmo extirpado, para isso, é necessário capacitação dos professores no intuito de que os mesmos possam implementar propostas metodológicas capazes de propiciar os alunos o entendimento, a compreensão e sensibilização de que independente das diferenças étnico-raciais, o “ser” faz parte de apenas uma “raça” - a humana, logo, os indivíduos devem cumprir seus deveres e merecem os mesmos direitos, dentre eles, o de ser livres, inclusive de manifestações/comportamento de racismo, que propiciam consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem, bem como em sua socialização.

Nesse sentido. Realizando o estudo sobre a história e cultura afro-brasileira e a aplicabilidade da Lei 10.639/03 foi possível perceber que muitos professores ainda trabalham o tema em sala de aula de maneira menos proveitosa.

### 3. REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Bianka Pires. **Racismo e des-afetividade no cotidiano escolar**. Revista Agenda Social, Campos dos Goytacazes, v. 5, n. 3, 2011. Disponível em <<https://scholar.google.com.br>> Acesso em 25 mai. 2016.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de janeiro de 1996. **Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afrobrasileira”**.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. 2005.

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

CAVALLEIRO, Elaine. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Elaine. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

\_\_\_\_\_ **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP& A. 2003. 156p.

GÓMEZ, A. I. (Orgs.). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 27-51. **Repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-113.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Movimento negro e educação**. Revista da ANPED – nº 63 set/ out/ nov/ dez-2000.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Antropologia e educação intercultural: algumas reflexões.** Doxa, v.4, n.8, p.7-16, jul./dez.2002<sup>a</sup>.

MADHUBUTI, Haki L. e MADHUBUTI, Safisha L. **African-Centered Education: Its Value, Importance, and Necessity in the Development of Black Children.** Chicago: Third World Press, 1994.

MOURA, Gloria. **Ilhas negras num mar mestiço.** In: **Carta falas, reflexões, memórias.** RIBEIRO, Darcy. Brasília 4, n.13, 1994.

OLIVEIRA, José Reinaldo. **Educação e racismo: conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro.** 2007.

ORTIZ, Cisele **Só não enxerga quem não quer: Racismo e preconceito na Educação Infantil.** Revista Avisalá, nº 23, nov. 2005.

PARK, R. "Introdução à 1ª Edição americana", in PIERSON, D., **Branços e pretos na Bahia,** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971, p. 79-86.

PÉREZ-GÓMEZ, A. I. **Os processos de ensino e aprendizagem: análise didática das** p.34-48. Principais teorias de aprendizagem. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ-

PINTO, R. P. **Movimento negro e educação do negro: a ênfase na identidade.** **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993.

SANTOS, I. A. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos.** In: CAVALLEIRO, E. (Org.). Racismo e anti-racismo na educação:

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 190-207.

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 1987.

[www.seppir.gov.br](http://www.seppir.gov.br) acessado em 23 de Outubro de 2016

